



EM TRÂNSITO

Manuela Fantinato (PUC-Rio)¹

Resumo: O exílio parece ser uma instituição fundadora do pensamento de Vilém Flusser, uma espécie de metáfora cujo sentido ele subverte, compreendendo-a como potência produtiva. Trata-se de uma experiência que desestrutura sua relação com passado e futuro, no sentido que lhe furta ambos, e com a noção de uma identidade estável, mas que também lhe concede liberdade para as futuras escolhas que faz. O tema do exílio perpassa vários de seus ensaios, produzidos em português, alemão, inglês e francês. Muitos desses textos foram reunidos no livro *The freedom of the migrant: objections to nationalism*, lançado, a partir de traduções de originais alemães, nos Estados Unidos, mas não circulado no Brasil, país onde iniciou sua carreira intelectual. Este trabalho parte do livro *The freedom of the migrant* para pensar em uma filosofia do exílio de Vilém Flusser, procurando compreender o multifacetado conceito de exílio trabalhado pelo autor e suas relações com sua própria prática intelectual.

Palavras-chave: exílio; contemporaneidade; Vilém Flusser; intelectual

Em 1991, morre Vilém Flusser em um acidente de carro, em Praga, cidade da qual havia emigrado 52 anos antes, enquanto jovem estudante em fuga da ameaça nazista que tomava a terra e o futuro do continente europeu. É enterrado no cemitério judaico de Praga, e seu epitáfio, escrito em hebraico, tcheco e português. Em 1992, é publicada, em alemão, a autobiografia deixada inacabada com sua morte, *Bodenlos*. Foram encontradas também versões em português e francês, traduzidas pelo próprio Flusser, com ligeiras adaptações. A maior parte da obra trata das questões e pessoas que atravessaram sua experiência de 32 anos no Brasil – país ao qual chega em 1939 e no qual se naturaliza em 1950 – durante o tempo em que tinha como meta “tornar-se escritor brasileiro”, nas palavras publicadas em sua autobiografia. No entanto, em 1995, o nome de Flusser é incluído ao lado de Gadamer, Habermas, Luhmann e outros, em volume dedicado a filósofos germânicos contemporâneos. Já em 2003, uma tradução para o inglês de um livro originalmente publicado em alemão, em 1994, o descrevia para o público norte-americano como:

[...] a German Jewish philosopher, fled Prague in 1940 and made his way to Brazil via London. In 1963 he was appointed chair of philosophy of communication at São Paulo University. He returned to Europe in 1972, settling in France, and wrote books in both German and Portuguese. (FLUSSER, 2003, contracapa)

¹ Historiadora, mestre em Letras e doutoranda em História Social da Cultura, todos pela PUC-Rio. Contato: manufantinato@yahoo.com.br.



O breve preâmbulo revela a dificuldade de compreender ou fixar Vilém Flusser em termos de uma identidade estável, ou mesmo delimitar seu campo de atuação. Ao longo de sua vida, dedicou-se aos mais variados temas, da escrita às imagens técnicas, da arte à ciência, do existencialismo à epistemologia. Sempre avesso a classificações e à criação de sistemas ou metodologias, rejeitava a determinação de filósofo, preferindo a de escritor. Flusser transita por áreas de conhecimento e práticas intelectuais como por geografias, mantendo-se em trânsito por toda a sua vida e produzindo reflexões sobre essa condição. No texto *Habitar a casa na apatridade (Pátria e mistério – Habitação e hábito)*, publicado na autobiografia *Bodenlos*,² dirá:

Durante décadas estive interessado em sintetizar uma cultura brasileira a partir da mescla de traços culturais distintivos de países africanos, asiáticos, além da Índia e de países da Europa Ocidental e do Leste europeu. [...] sou apátrida, porque em mim encontram-se armazenadas muitas pátrias. Isso se revela diariamente em meu trabalho. Sou domiciliado em no mínimo quatro idiomas e me vejo desafiado e obrigado a traduzir e retraduzir tudo o que tenho a escrever. (FLUSSER, 2007, p. 221)

Uma outra versão do mesmo texto é publicada como *The Challenge of the Migrant* no livro *The Freedom of the Migrant*, de onde foi retirada a descrição citada no início deste trabalho. Trata-se uma tradução para o inglês de livro póstumo, mas cujo projeto deixara organizado, reunindo textos que tratam de temas relacionados a migração, pátria, pertencimento e identidade.³ São ao todo 14 ensaios, dos quais apenas três inéditos, e uma entrevista, escritos ao longo de cerca de 20 anos. Era comum que Flusser escrevesse e reescrevesse seus textos para variados fins e publicações.

Este trabalho parte exatamente deste livro, *The Freedom of Migrant*, para pensar no que vou chamar de uma filosofia do exílio de Flusser, procurando compreender o sentidos que ele dá a este tipo de experiência e suas relações com sua própria prática intelectual e de vida. A inspiração para este desafio se justifica em um dos ensaios do livro, intitulado *We need a philosophy of emigration*, original de um manuscrito sem data, que termina

² O texto foi publicado também em *The freedom of the migrant* como *The Challenge of The Migrant*. Flusser tinha o hábito de reescrever seus textos, traduzi-los e retraduzi-los. Assim, muitos foram publicados com pequenas variações em diferentes livros e revistas. Quando foi identificada uma publicação em português, optei por usá-la neste trabalho.

³ O projeto do livro foi deixado organizado pelo próprio Flusser, mas a edição foi possível pelo trabalho do editor Stefan Bollmann, com ajuda de Edith Flusser, a partir dos manuscritos originais.




com o seguinte chamado: “A philosophy of emigration is still to be written. Its categories are still nebulous and blurred. But it needs to be written because it would benefit not actual emigrants but virtual ones as well.” (2003, p. 24)

Os ensaios de *The Freedom of the Migrant* foram escritos entre os anos 1970 e 1990, provavelmente após o “retorno” de Flusser para a Europa, em 1972, quando decide voluntariamente deixar o Brasil, país em que havia iniciado uma sólida carreira de professor universitário e escritor, com livros publicados e contribuições regulares na imprensa. Digo “retorno” porque nem Flusser volta para o mesmo lugar de onde saiu – tendo deixado originalmente Praga, estabelece-se na pequena cidade de Robion, na França – nem a Europa é a mesma, geográfica, histórica e simbolicamente. Ao longo dos anos em que vive no Brasil, Praga passa de capital de uma recente Checoslováquia, herdeira do Império Austro-Húngaro, à cidade controlada pela Alemanha nazista e, posteriormente, pela URSS, enquanto toda a Europa vive sob a Cortina de Ferro que dividia simbolicamente o mundo em dois.

As reflexões de Flusser partem, assim, de sua própria experiência de vida, de quem havia sido forçado a abandonar a terra natal e que, posteriormente, deixara voluntariamente a terra na qual havia decidido engajar-se. Em *We need a philosophy of emigration*, diz “The structure of European contingency is such that it makes easier for the determined emigrant to be outraged. The structure of Brazilian contingency is such that it makes it easier for the determined immigrant to become engaged.” (2003, p. 23). Ou seja, partem de duas experiências contraditórias de deslocamento.

Ao longo dos textos reunidos no livro, Flusser tratará de exilados, migrantes e nômades, ora aproximando-os ora diferenciando-os, e esta é uma das principais armadilhas de sua escrita.

Ao anunciar a necessidade de uma filosofia da emigração, em *We need a philosophy of emigration*, diferencia o emigrante do refugiado, argumentando que o último se mantém preso à contingência que deixou, em uma mistura de amor e ressentimento, enquanto o primeiro se coloca acima de qualquer contingência. (2003, p. 23). No ensaio *Nomads*, Flusser dirá “The word nomad denotes a person who cannot be defined in terms of place or time, in contrast to the special and temporal definability of settled existence.” (2003, p. 47) Já em *Exile and Creativity*, defende:



It is not the purpose of this essay to examine the existential and religious connotations of the concept of exile. But everything that is said here should resonate with what Christians mean when they speak of the exile from paradise, with what Jewish mystics mean when they speak of the exile of the divine spirit from the world, and with what existentialism means when it analyses the condition of a man as a foreigner in the world. This should resonate with all that I say here, even though I won't say it explicitly. (FLUSSER, 2003, p. 81).

Ao buscar coerência e estabilidade de conceitos, o leitor corre o risco de ser levado a um labirinto que não dá em lugar nenhum, pois objetivo de Flusser não é fixá-los, mas, ao contrário, ressaltar a instabilidade inerente a uma série de condições que se aproximam justamente por compartilhar de instabilidade.

Escolho, assim, falar em filosofia do exílio e não simplesmente em filosofia da emigração, pois, ressonando a citação acima, a palavra exílio leva em conta uma poética carregada de sentidos que extrapolam a história e dizem respeito a “actual emigrants but virtual ones as well”. Ou seja, expande a ideia de migração como movimento no tempo e no espaço e permite pensar com Flusser em determinada condição que remete mais para a experiência do que para as motivações; para uma condição que se caracteriza, sobretudo, pela alteridade e pelo estranhamento.

Nesse sentido, em *On the Alien*, ensaio publicado também no livro póstumo, *Ser Judeu*, cuja versão em português é intitulada *Do estranho*, Flusser parte de livro de René Girard, *Le Bouc émissaire*, para refletir sobre o papel mítico do estranho, o outro, metáfora do estrangeiro. “O outro, o ‘estranho’ é sacro porque é diferente, e tal diferença é simultaneamente negativa (nega-me) e positiva (permite que me afirme)” (2014, p. 127). Identidade e diferença são questões indissociáveis, e a definição de outros, dos quais se aproxima ou distancia, tem função mítica de autodeterminação. Do ponto de vista de uma identidade nacional, o estrangeiro é mito fundador da pátria, o bode expiatório que justifica sua criação. Ao delimitar o outro, delimita e naturaliza a norma em torno da qual se reunirão aqueles que compactuam de determinado código comum, tido como “normal”.

Em *The Challenge of the Migrant*, ou *Habitar a casa na apatridade*, Flusser aponta que “pátria não é um valor eterno, mas uma função de uma técnica específica” e que seu sentimento liga o ser humano a coisas e pessoas em uma relação inconsciente de hábito. Repete o argumento em *Exile and creativity*, dizendo que o hábito é como um cobertor




de algodão que encobre a realidade como um manto de conforto. No entanto, este conforto do habitual cega para uma série de experiências e informações. “Discovery begins as soon as the blanket is pulled away”. (2003, p. 82)

O sentimento da pátria provoca, assim, uma distorção. Cria um outro que é *ele*, aquele do qual se diferencia, encobrindo o outro como *tu*, aquele ao qual se dirige, no qual se reconhece. Segundo Flusser, apenas com o abandono da pátria e a consequente transformação de si mesmo em outro, é possível vislumbrar o mundo para além do hábito. Esse movimento é libertador, mas é também desconfortável. A liberdade de estar fora do manto do hábito representa a possibilidade de ação para além da contingência à qual o ser humano está ligado por nascimento, mas representa a responsabilidade sobre as próprias escolhas, que passam a ser conscientes e voluntárias.

Em *Exile and Creativity*, propõe analisar o exílio como desafio para a criatividade. Parte da observação de que fora do seu ambiente costumeiro, o deslocado recebe tudo como novo e carente de significado, fazendo do desafio de dar significado ao seu entorno uma questão de vida ou morte; “If he is not to perish, the expellee must be creative” (2003, p. 81). Se o estranhamento que experimenta o exilado o motiva à reflexão e à ação criativa (de sentidos), o estranhamento que provoca nos assentados também os tira do lugar. Sua presença obriga o entorno a também refletir e dar sentido à sua alteridade e, mais importante, a questionar a norma na qual estão cercados. Falar em uma filosofia do exílio, é, assim, pensar a experiência do exílio como *locus* criativo de reflexão e produção de sentido.

Contrariando o senso comum, Flusser dá status positivo à experiência de exílio, pois não apenas o exílio é potente para aquele que o experimenta, mas também provoca transformações ao seu redor: “We are living in a period of expulsion. If we place a positive value on it, then the future will appear less bleak” (2003, p. 82). E tira aos exilados a melancolia com a qual costumam ser caracterizados, para colocá-los como vanguarda a ser seguida, como diz em *The Challenge of The Migrant* (ou *Habitar a casa na apatridade*):

Nós, os inúmeros milhares de migrantes (sejamos trabalhadores estrangeiros, expatriados fugitivos ou intelectuais em visitas frequentes a seminários) nos reconhecemos então não como marginais mas sim como vanguarda do futuro. Os vietnamitas na Califórnia, os turcos na Alemanha, os palestinos nos países do Golfo Pérsico e os cientistas



russos em Harvard surgem não como vítimas dignas de compaixão que devem receber ajuda para retornar à pátria perdida, mas sim como modelos a serem seguidos por sua suficiente ousadia. (FLUSSER, 2007. p. 223)

Em *To Be Unsettled, One First Has To Be Settled*, de 1989, vai além, ao dizer “To be a human being in the true sense of the word, one has to be unsettled” (FLUSSER, 2003, p. 25). Isso porque o humano, para Flusser, em sua dignidade, não se define pelo espaço e pelo tempo, mas por sua possibilidade de reflexão e pelas relações que estabelece e nas quais se reconhece: “... for me, heimat⁴ consists of the people for whom I choose to be responsible.” (2003, p. 11).

A experiência do exílio, portanto, inverte a produção de alteridade do *outro* – que distancia – para o *tu* – que aproxima os homens para além da contingência à qual pertencem por nascimento –, abrindo a possibilidade de criação de um mundo novo. Descolado do espaço e do tempo, compreendidos em sua história e continuidade, o exílio é pura potência.

Para encerrar sem concluir, no ensaio *Thinking about Nomadism* Flusser propõe uma metáfora de redivisão do mundo três eras: Paleolítico – caracterizado pelo uso de ferramentas que “humanizou” o mundo – Neolítico – que criou a “civilização” como sinônimo da vida assentada – e o Futuro Imediato.⁵ Nesta nova era, que marcaria a vida contemporânea, o mundo teria se tornado inabitável, o que deve ser entendido como positivo. Nesse novo cenário, o pertencimento e a existência assentada teriam dado lugar à experiência e à liberdade. Em *Nomads*, Flusser completa apontando que esta nova era levará a humanidade a um território inexplorado de potenciais ainda não realizados.

Nesse sentido, uma filosofia do exílio de Vilém Flusser deve ser compreendida quase no sentido de um manifesto. Flusser nos oferece a chance de uma visão positiva do futuro. Nos convida a ressignificar uma história recente de guerras, cisões, expulsões e desterro, em uma pós-história que se realize no reconhecimento dos homens uns nos outros. É esse o sentido da liberdade do migrante. O homem contemporâneo de Vilém Flusser está em trânsito e justamente por isso é um homem livre.

⁴ Neste caso, o uso da palavra pátria se ancora na tradução feita para o português, com a ressalva de que o original *heimat*, mantido na tradução para o inglês, pode ser usado tanto para país quanto para cidades, tendo conotação afetiva, além de política.

⁵ No qual estava o autor entrando no momento da escrita, os anos 1990, associados à Revolução da Informação provocada pela informática.



Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. *O ensaio como forma*. In. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003

FLUSSER, Vilém. *Bodenlos, uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.

FLUSSER, Vilém. *Ser Judeu*. São Paulo: Annablume, 2014.

FLUSSER, Vilém. *The freedom of the migrant. Objections to nationalism*. Urbana, Chicago and Springfield: University of Illinois Press, 2003.